

# O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

## POLIANE RAFAEL DA MOTA FREITAS

Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade Anhanguera de Osasco, no ano de 2012; Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional, pela Faculdade de Itaquá em 2016.



## RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito do papel dos pais no desenvolvimento socioemocional. Durante a infância, as primeiras experiências do menino ou da menina são dadas com seus pares, nas quais os pais irão mediar para que seu filho ou filha aproveite a companhia de outras crianças e aprenda a compartilhar e cooperar com elas. E elas, ou seja, desenvolvam habilidades sociais. A educação anterior e o estilo de comunicação dos pais com o filho vão influenciar a forma como ele se relaciona com os colegas. Pais autoritários e controladores que estabelecem normas de comportamento que não podem ser negociadas ou questionadas, que optam por disciplina forçada e obediência imediata, que evitam métodos educacionais como elogio e motivação, ou aqueles que são permissivos e negligenciam o estabelecimento e aplicação de regras, muitas vezes fazem com que seus filhos adotem formas agressivas ou passivas de resolver conflitos. Pais assertivos reforçam e estimulam o bom comportamento dos filhos, motivam-nos no processo de aprendizagem e facilitam o desenvolvimento de sua competência social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Competência; Comportamento; Habilidades Sociais.

## INTRODUÇÃO

Uma educação muito autoritária ou permissiva pode induzir atitudes agressivas ou passivas em meninos e meninas em seus conflitos com outras pessoas.

A grande arte da família é manter-se família, seja ela composta por pai, mãe e filhos; por mãe e filhos; por padrasto, mãe e filhos; por avô, mãe e filhos/ netos; por avô, mãe e filhos ou outras composições. É continuar promovendo o desenvolvimento, a mudança e permanecer sendo família (PAROLIN, 2007, p. 38).

Relacionar-se com os outros e fazê-lo com eficácia é uma garantia de sucesso social que nos traz muitos benefícios pessoais. A superação com sucesso das diferentes situações sociais que nos são apresentadas no dia-a-dia depende das competências que desenvolvemos para isso.

Ter boas relações sociais significa ter uma rede de amigos, colegas e familiares capazes de

nos ajudar nos momentos difíceis e desfrutar conosco os bons momentos. Usar habilidades sociais adequadas ajuda a melhorar o autocontrole, pois muitas vezes é necessário adiar desejos ou necessidades por serem incompatíveis com a situação social em que nos encontramos.

Mesmo o mais carinhoso e compreensivo ambiente de vida familiar não pode alterar o fato de que o desenvolvimento humano vulgar é árduo e, na verdade, um lar perfeitamente adaptativo seria difícil de perdurar, visto que não haveria qualquer alívio através de uma cólera justificada. (WINNICOTT, 1982, p.142)

As crianças que não possuem essas habilidades podem sofrer isolamento e rejeição social. Ser socialmente competente é de fundamental importância para a adaptação da criança ao meio em que vive, bem como seu desenvolvimento futuro.

É dentro de casa na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para um futuro próximo, ter saúde social [...]A educação familiar é um fator bastante importante na formação da personalidade da criança desenvolvendo sua criatividade ética e cidadania refletindo diretamente no processo escolar. (TIBA, 1996, p.178)

A sociedade atual transmite o reflexo de um estado onde os modelos de subsistência levaram os pais a dedicar mais tempo ao trabalho e a confiar a terceiros a responsabilidade que não pode ser delegada aos pais para atender às necessidades que estão presentes em seus filhos. Soler, Aparicio, Díaz e Rodríguez (2016, p. 37) afirmam que: “Desde a infância nosso bem-estar é determinado por relações positivas com nossos pais e parentes”. Disto se segue que o papel que os pais desempenham é gravitante no esforço humano em todas as sociedades. Trabalhar no desenvolvimento emocional é sempre um tema que enriquece os pais como testemunhos de vida e modelos que marcam uma identidade pessoal e social em as crianças.

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e à escola instruí-los, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência. Talvez essa seja uma concepção por demais simplista para equacionar as relações entre a família e a escola em nossos dias, mas qualquer avanço na discussão de até onde vai o papel da família e onde começa o da escola nos conduziria a outro patamar de considerações que extrapolam os limites da contestação à pergunta formulada. (OSÓRIO, 1996, p.82)

Antes do nascimento, a criança participa do estado emocional da mãe e do ambiente em que se encontra. Sua forma de se comunicar é basicamente sensitiva, seu primeiro contato com a realidade é afetivo. E conforme ele cresce, ele precisa tanto do conforto e ternura da mãe, quanto da exigência e força do pai. Trata-se da complementaridade dos pais na educação socioafetiva de seus filhos, pois é mais típico do pai ajudar o filho a enfrentar os desafios, dos problemas, e da mãe a acolher e dar conforto diante da dor ou problemas, dificuldades que surgem na vida.

## **AS VARIÁVEIS SOCIOFAMILIARES**

Um estudo mais recente (Hernández-Veloz, Gaeta-González e García-Gordillo, 2016) analisa a relação entre variáveis sociofamiliares como o tipo de família e o nível acadêmico dos pais; os aspectos afetivo-motivacionais que afetam o desenvolvimento acadêmico dos adolescentes, particularmente o estabelecimento de metas acadêmicas e o tipo de motivação que nelas predomina (aprendizagem ou desempenho). A pesquisa também indica que os alunos de famílias nucleares têm melhor gerenciamento emocional e superam as metas de aprendizagem, em comparação com

alunos de famílias monoparentais. Da mesma forma, o nível acadêmico da mãe está significativamente relacionado às emoções positivas e aos objetivos de aprendizagem dos filhos.

Uma instituição formada por pais e filhos que moram ou não juntos na mesma casa, ou um grupo de pessoas ligadas pelos laços de sangue podendo incluir tios, tias e primos, como também todos os indivíduos que procedem de um progenitor comum. (CHINYO, 2008, p.545)

Márquez Cervantes e Gaeta González (2016) refletem sobre o trabalho dos pais na educação afetiva e argumentam que eles fornecem dois tipos de escudo na vida dos filhos. Um para protegê-los fisicamente, cobrindo as necessidades básicas como alimentação, vestimenta, saúde, etc; e outro para protegê-los emocionalmente, onde necessidades emocionais, como sentir-se amado, admirado, respeitado, reconhecido, aceito, etc., devem ser atendidas. Assim, afirmam que a educação afetiva visa atender a essas necessidades e ensiná-los a desenvolver esses aspectos em suas próprias vidas. Daí a importância de os pais refletirem sobre como eles interagem pessoalmente com seus filhos, seu estilo educacional, como lidam com suas próprias emoções e como tendem a responder às várias reações emocionais de outras pessoas.

Função psíquica da família é servir de continente para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante seu processo evolutivo. A superação das chamadas 'crises vitais' ao longo do périplo existencial de cada indivíduo é indubitavelmente favorecida por um adequado suporte familiar à desestabilização que tais crises acarretam. (OSÓRIO, 1996, p. 21).

O embasamento teórico e empírico mostra a importância do papel do pai e da mãe como referências no desenvolvimento emocional de seus filhos, principalmente para ajudá-los a ter mais autoconfiança. Ao mesmo tempo, apontam que a comunicação entre pais e filhos, assim como a disciplina e a tomada de decisões responsáveis são aspectos que demandam mais trabalho. Entre outras contribuições que essas investigações fornecem, está a ênfase na necessidade de os pais, como principais responsáveis pela educação da família, tomarem consciência de suas próprias emoções e trabalhá-las a fim de alcançar estabilidade emocional e uma vida plena em todos seus membros. E é visto como contraditório que os pais queiram que seus filhos tenham uma vida bem-sucedida, saudável e feliz; quando eles próprios não têm capacidade para gerar um clima afetivo, motivador e emocionalmente equilibrado.

## **O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL**

As crianças tendem a se concentrar em si mesmas e no mundo ao seu redor. Eles estão trabalhando muito para aprender e descobrir como seu ambiente pode ajudá-los a aprender, desenvolver e imaginar. Eles estão focados em como podem dar sentido ao mundo ao seu redor e relacioná-lo com eles mesmos. À medida que as crianças crescem, espera-se que desenvolvam habilidades que lhes permitam interagir de forma mais ampla. Para fazer isso, as crianças em idade escolar devem sair de seu próprio mundo e levar em consideração as emoções, culturas e perspectivas de outras pessoas.

O tema da convivência escolar ganhou visibilidade muito significativa e se tornou um tema prioritário na agenda da política educacional. Da mesma forma, verifica-se que existe um grupo importante de alunos insatisfeitos com o clima escolar e com as formas de atuação dos professores e que existe um baixo nível de diálogo entre as instituições de ensino e as famílias.

(...) o que não é tarefa fácil, nem simples. Afinal, somos “seres do nosso tempo”, a maior parte dos educadores de hoje vivenciou uma escolarização tradicional, muitas vezes mecânica e esvaziada de sentidos. Ser “autor de mudanças” exige dos professores o desenvolvimento de suas próprias habilidades. Estes, para tanto, precisam que os gestores da escola cumpram seu papel na valorização, formação e apoio da equipe docente, ancorados por políticas públicas claras, consistentes e eficazes. (ABED, 2014, p. 8)

Parece essencial situar essas questões no quadro de uma estratégia em que aprender a conviver constitua um eixo central das experiências de aprendizagem que os alunos desenvolvem nas escolas. O clima que é gerado na instituição a partir desta estratégia é, portanto, muito importante.

Nesse sentido, Beech e Marchesi (2008) afirmam que a convivência consiste, em grande medida, em compartilhar; e para compartilhar se aprende: compartilhar tempos e espaços, conquistas e dificuldades, projetos e sonhos. Por esse motivo, esses mesmos autores argumentam que a aprendizagem de valores e habilidades sociais, das quais derivam as boas práticas de convivência, são a base do futuro cidadão.

O professor tem um papel de conhecedor da criança, de consultor, apoiador dos pais, um especialista que não compete com o papel deles. Ele deve possuir habilidade para lidar com as ansiedades da família e partilhar decisões e ações com ela. (OLIVEIRA, 2002, p.181)

Aprofundando-se nos aspectos que regulam atualmente as escolas, Litichever (2012) explora aqueles que estão incluídos nas normas de coexistência, a fim de identificar a existência de um marco regulatório compartilhado. Dentre os resultados, indica que as normas estão relacionadas à aparência, aquelas relacionadas à pontualidade; aquelas que se referem ao cuidado da instituição; aquelas que se referem ao respeito pelos símbolos nacionais ou rituais escolares; aquelas que enfocam questões mais específicas do processo de ensino-aprendizagem e, por vezes, também são explicitadas regras que procuram regular o relacionamento com os outros. Nesse sentido, conclui que seria desejável que essas diretrizes refletissem a necessidade de ensinar a convivência no ambiente escolar e social.

As ideias expressas por Litichever (2012) reforçam o interesse atual na área do ensino em geral para o alcance de objetivos educacionais de alto nível, visando a formação integral dos alunos; isto é, tanto em suas dimensões intelectuais quanto afetivas. Portanto, a relevância do desenvolvimento emocional é enfatizada a fim de contribuir para o seu bem-estar e equilíbrio afetivo. Diante disso, é necessário dar continuidade a ações para que haja pesquisas que abordem o desenvolvimento socioafetivo dos alunos e os fatores que o favorecem.

Nessa linha, Martínez-Garrido e Murillo (2015) exploram alguns fatores educacionais que impactam no autoconceito dos alunos, identificando cinco aspectos: a experiência docente, a avaliação da aprendizagem, a metodologia de ensino, atenção à diversidade e maximizar o uso de tempo na sala de aula.

Da mesma forma, Garrido Natarén e Gaeta González (2016) destacam a importância do papel do professor na promoção da aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento socioemocional que esse processo acarreta; insistindo que para isso é necessário aprofundar o estudo dos estados socioemocionais do professor para que os profissionais docentes possam funcionar adequadamente em sala de aula. Nesse sentido, apontam para a importância de desenvolver a capacidade de perceber emoções; para acessar, gerar e usar emoções para ajudar o pensamento e para regular

as emoções a fim de promover o crescimento emocional e intelectual.

Gaeta González e Martínez Otero-Pérez (2017) apresentam algumas reflexões e experiências empíricas em relação ao desenvolvimento emocional em diferentes contextos educativos. Entre suas contribuições apontam a adolescência como uma fase de fragilidade emocional em que a educação da afetividade é fundamental, uma vez que as mudanças biológicas, cognitivas, psicossociais e emocionais constituem um enredo complexo que nos permite compreender melhor o porquê na busca de uma nova identidade, é comum o adolescente mudar de humor, vivenciar emoções intensas ou testar constantemente os limites como forma de reafirmar sua independência e autonomia. Dessa forma, essa etapa se apresenta como uma oportunidade de educar emocionalmente os adolescentes, evitando comportamentos destrutivos e suas consequências danosas.

Os educadores que sistematicamente colocam limites às crianças e dizem como elas se devem comportar, sem explicarem o porquê desse comportamento, transmitem unicamente que o bom comportamento radica na aceitação das ordens e da autoridade. Por outro lado, as crianças a quem não são postos limites podem ser levadas a pensar que apenas os seus desejos determinam o que é o comportamento adequado (VALE, 2009, s/p).

Márquez Cervantes e Gaeta González (2018) defendem que para o aluno desenvolver plenamente sua dimensão afetiva é imprescindível ter um “educador emocional”. O professor, além de possuir o conhecimento da matéria a ser ministrada, deve ser capaz de transmitir uma série de valores aos seus alunos, trabalhar nos processos que facilitem a tomada de decisão responsável e ser uma figura mediadora. Ou seja, deve ser um exemplo a seguir, uma vez que os alunos passam grande parte da infância e da adolescência em sala de aula, períodos em que ocorre principalmente o seu desenvolvimento emocional.

A prática da educação afetiva implica, portanto, conceber programas a partir de um referencial teórico; e para colocá-los em prática, ter um corpo docente bem preparado e bem preparado. Para isso, é importante que o professor se torne um modelo de enfrentamento emocional, habilidade empática e resolução reflexiva de conflitos interpessoais, como fonte de aprendizagem para seus alunos. Em virtude do exposto, o desenvolvimento emocional requer um trabalho contínuo que começa na infância, se desenvolve na adolescência e se define na idade adulta, razão pela qual requer pessoal de educação emocional que, por sua vez, é um modelo de enfrentamento emocional e habilidades interpessoais.

A este respeito, Márquez-Cervantes e Gaeta-González (2018) destacam a importância da promoção do trabalho docente em sala de aula para o reconhecimento das emoções e o fortalecimento de relações interpessoais positivas entre os alunos; bem como a tomada de decisão responsável. Dessa forma, o ambiente de sala de aula configura-se como um espaço ideal de socialização emocional, onde os professores com suas atitudes e comportamentos constituem a principal referência.

O clima na sala de aula tem uma influência significativa na atitude do professor e dos alunos em relação ao ensino e à aprendizagem. Um clima de confiança e respeito mútuo favorece tanto o desenvolvimento dos alunos como a atividade docente. Alguns dos comportamentos específicos dos professores para a criação de um ambiente favorável à aprendizagem são: promover atitudes positivas dos alunos em relação ao tema a ser abordado, manter expectativas positivas em relação

aos alunos apesar das possíveis dificuldades, oferecer apoio e incentivo aos que têm dificuldades, enfrentar com calma o possível os incômodos que podem surgir em sala de aula, transmitem preocupação pessoal com cada aluno e sua aprendizagem e promovem a confiança dos alunos entre si, entre outros.

Assim, estes últimos devem desenvolver, por sua vez, habilidades emocionais para identificar, compreender e regular as próprias emoções, uma vez que estas têm mostrado impacto nos processos de aprendizagem, na saúde física, na qualidade das relações interpessoais e no desempenho acadêmico do aluno, bem como no desempenho laboral do corpo docente.

Paralelamente ao que foi dito, é necessário que existam canais de comunicação e ação articulada entre o corpo docente, as mães e os pais de família, para que o trabalho realizado tenha continuidade, pois, como já indicamos, o educativo e os contextos familiares são os principais protagonistas na educação emocional de crianças e adolescentes.

Se partirmos da ideia de que os ambientes familiar e escolar são os que mais influenciam no desenvolvimento do indivíduo e em seu processo educacional, faz-se necessária a colaboração coordenada desses atores na formação de crianças e adolescentes. A falta de um trabalho conjunto entre as famílias e o campo educacional pode fazer com que nossa sociedade gere pessoas frustradas, violentas e irresponsáveis, vítimas de vícios e insegurança. Por isso, é fundamental fortalecer o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes para facilitar sua transição para a vida adulta com equilíbrio e satisfação.

## **A IMPORTÂNCIA DO AFETO COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM**

À medida que a pesquisa científica sobre o conhecimento, o desenvolvimento e a aprendizagem avançam em ritmo rápido, favorece a oportunidade de moldar práticas educacionais mais eficazes. Tirar proveito desses avanços, no entanto, requer a integração de percepções em vários campos - desde as ciências biológicas e neurociências até a psicologia, sociologia, ciências do desenvolvimento e da aprendizagem - e conectá-los ao conhecimento de abordagens bem-sucedidas que estão surgindo na educação.

Pino (2000, p. 128) ressalta que os fenômenos afetivos definem o modo de ser do ser humano:

Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes à seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo (idem, p. 130-131).

Os principais insights da ciência da aprendizagem e desenvolvimento são que o cérebro e o desenvolvimento de inteligências e capacidades são maleáveis, e o desenvolvimento do cérebro é um processo dependente da experiência, que ativa as vias neurais que permitem novos tipos de pensamento e desempenho. Em função das experiências, o cérebro e as capacidades humanas crescem ao longo de todo o continuum de desenvolvimento e em todo o espectro de desenvolvimento (físico, cognitivo, afetivo) de maneiras interativas.

O que acontece em um domínio influencia o que acontece em outros. Por exemplo, as emoções podem desencadear ou bloquear o aprendizado. As emoções e os contextos sociais moldam as conexões neurais que contribuem para a atenção, concentração e memória, para a transferência e aplicação do conhecimento. Compreender como os processos de desenvolvimento se desdobram ao longo do tempo e interação em diferentes contextos pode contribuir para designs mais favoráveis aos ambientes de aprendizagem.

Além disso, as tendências gerais de desenvolvimento são modificadas pelas interações entre aspectos únicos da criança e seus contextos de família, comunidade e sala de aula. Como resultado, as crianças têm necessidades e trajetórias individuais que requerem instrução e apoios diferenciados para permitir um crescimento ideal em competência, confiança e motivação.

(...) O afeto que inspira a nossa pedagogia, tomado em seu sentido supino, é, além de um sentimento de alma elevada, índole, mas exaltada, em consonância com a Justiça Social, como uma estratégia de uma estratégia política, igualmente compreendida na sua sobrevivência para o indivíduo, povos e nações. Os seres humanos – portanto, os cidadãos, entre eles os esperançosos jovens – são muito mais do que um saco de carne, ossos, músculos, nervos, sangue. Amam e sofrem. Sonham, desejam, constroem, frustram-se e, apesar de tudo, prosseguem, vão em frente... Merecem, além de leis, respeito para que elas jamais constituam obscuros privilégios, e possam ser cumpridas em benefício de todos (...). (PERIOTTO, 2009, p.22)

Uma implicação central para os educadores é que esse sistema de desenvolvimento integrado e dinâmico é otimizado quando todos os aspectos do ambiente educacional dão suporte a todas as dimensões do desenvolvimento infantil. Isso exige uma abordagem profundamente integrada à prática que apoie toda a criança em escolas e salas de aula que funcionem de forma coerente e consistente para construir relacionamentos fortes e comunidades de aprendizagem; apoiar o desenvolvimento social, emocional e cognitivo; e fornece um sistema de suporte conforme necessário para um desenvolvimento saudável, relacionamentos produtivos e progresso acadêmico. Esta abordagem holística deve necessariamente se conectar com contextos familiares e comunitários: desenvolvendo parcerias fortes e respeitadas para compreender e construir sobre as experiências das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de criança que temos hoje, como um ser humano, sujeito social e histórico que faz parte de uma organização familiar, dentro de uma determinada cultura, com direitos e deveres; é muito recente e veio sendo construída ao longo da história de forma heterogênea.

A palavra criança era entendida como falta de idade, maturidade ou de adequada integração

social. Portanto essa definição está longe de ser apenas o fator da idade, pois está associada a determinados papéis e desempenhos específicos e esses papéis dependem estreitamente da classe social que a criança pertence.

Sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família e da comunidade, as atividades cotidianas se diferenciam dependendo da posição da criança e de sua família na estrutura socioeconômica. Se essa inserção social é diferente, fica impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização.

## REFERÊNCIAS

ABED, Anita. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.

BEECH, J. e MARCHESI, A. 2008. **Estando na escola, estudo sobre convivência**. Disponível em: <http://www.oei.es/valores2/EstarenlaEscuela1.pdf>. Acesso em 4 set.2022.

BERGER, K. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. Madrid: Médica Panamericana. 2016.

CABALLO, V., Salazar, I. e CISOA. **España Research Team. Desenvolvimento e validação de um novo instrumento de avaliação de competências sociais**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317025754>. Acesso em 5 set.2022.

CHINOY, Ely. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. 20. ed São Paulo: Pensamento-cultrix, 2008.

COSTA, Ana e FARIA, Luísa. **Aprendizagem social e emocional: Reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa**. Aná. Psicológica [online]. 2013, vol.31, n.4, pp. 407-424. ISSN 0870- 8231. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v31n4/v31n4a07.pdf>. Acesso em 5 set.2022.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MÁRQUEZ Cervantes, MC. **A adolescência, uma oportunidade para a educação das emoções**. In: ML, Gaeta González e V. Martínez-Otero Pérez (coords.). **Competências emocionais na educação formal. Reflexões e experiências de pesquisa em diferentes contextos educacionais**. Cidade do México, Universidade Popular Autônoma do Estado de Puebla. 2017.

MARTÍNEZ-GARRIDO, C. & MURILLO, F. 2015. **Desenvolvimento do autoconceito dos alunos na escola: um estudo dos fatores associados**. In AIDIPE (ed.). **Investigue com e para a sociedade**, 2, 911-921. Cádiz, Espanha: Bubok. Disponível em: <http://aidipe2015.aidipe.org>. Acesso em 9 set.2022.

MENDO, S., León, B., Felipe, E., Polo, M. e Palacios, V. 2016. **Avaliação de habilidades sociais de alunos de educação social**. Revista de Psicodidactica. Disponível em: <https://doi.org/10.1387/RevPsicodidact.14031>. Acesso em 5 set.2022.

NUNS, I. **Programa de ensino de habilidades de interação social (pehis) para meninos e meninas em idade escolar**. 2002.

OLIVEIRA, Zilma R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. Cortez, 2002 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 2015. **Repensando a educação: rumo a um bem comum global?** Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002326/232697s.pdf>. Acesso em 5 set.2022.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Ed. Positivo, 2007.

PEREIRA, L. C. B.; WILHEIM, J.; SOLA, L. (Orgs.) **Sociedade e Estado em transformação**. São Paulo: Unesp, 1999.

PERIOTTO, S. **Manual da Pedagogia do Afeto e Pedagogia do Cidadão Ecumênico**. São Paulo: Editora Elevação, 2009.

REGO, Claudia Carla de Azevedo Brunelli e ROCHA, Nívea Maria Fraga. **Avaliando a educação emocional: subsídios para um repensar da sala de aula**. 2009, vol.17, n.62, pp. 135-152. ISSN 0104-4036.

RODRIGUEZ Fernández, T. & Linares Von Schmitterlow, C. 2002. **Ensinar e conviver: para uma educação dialógica**. Revista Eletrônica Interuniversitária de Formação de Professores. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20041216093815/www.aufop.org/publica/reifp/articulo.asp?pid=210&docid=916>. Acesso em 5 set.2022.

SACRISTAN, Jose Gimeno. **La Educacion Obligatoria: su sentido educativo y social**. Ediciones Morata: Madrid, 2001.

SAVELI, E. L. **Ensino fundamental de nove anos: bases legais para sua implantação**. In: Práxis Educativa, Ponta Grossa, n. 1, p. 67-72, 2008.

SOLER, J., Aparicio, L, Díaz, O., Escolano & Rodríguez, A. (2016). **Inteligência Emocional e Bem-estar II**. Universidade San Jorge. Recuperado em 2018. Disponível em: <C:/Users/kguzmanh/Downloads/Dialnet-InteligenciaEmocionalYBienestarII-655308.pdf>. Acesso em: 5 set.2022.

TIBA, Içami. **Disciplina; limite na medida certa**. 41ª Ed. São Paulo; Gente, 1996.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação**. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

WINNICOTT, Donald. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

VALE, Vera do. **Do tecer ao remendar: os fios da competência socioemocional**. Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Coimbra. Exedra, vol. [s/i], n. 09, 2009, p. 129-146. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3398255.pdf> >. Acesso em 04 set.2022.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins, 1984.

ZATZ, S.; ZATZ, A.; HALABAN, S. **Brinca Comigo! Tudo sobre brincar e os brinquedos**. São Paulo: Marco Zero, 2006.